

Demósthene Ribeiro Carminé

Trechos da Discurso de Posse na Cadeira nº 17, de Francisco de Castro, 3.6.2005

"Eleito pela assembleia geral, no dia 19 de novembro de 2004, como Efetivo desta Academia de Letras, faço-me presente, nesta noite especial, para assumir a Cadeira nº. 17, patrocinada por Francisco de Castro, que teve como último ocupante o ilustre acadêmico, poeta e escritor Aureo Nonato dos Santos. [...] Do conteúdo armazenado na memória e no meu inconsciente, digo, em princípio, que ela, minha história, é semelhante a de qualquer ser humano [...] Daí que, voltando ao passado para rememorar minha vida e o meu fluxo existencial, mirando-me no espelho multifacetado do meu vivido, deparo-me com o reflexo de uma criança que, apesar de tantos percalços e transtornos, próprios da época, teve uma "boa infância". [...] Sinto-me orgulhoso e feliz em poder, com simplicidade, ocupar a Cadeira nº. 17, esperando corresponder com eficiência e amor o lugar que dois ilustres brasileiros honraram e dignificaram para o engrandecimento da intelectualidade no Amazonas no Brasil. [...] experimento, neste momento simbólico, a sensação de me tornar eterno, com o direito de ultrapassar a "fronteira da proserpina" e conseguir a imortalidade, como se entrasse no Olimpo, pois este "silogeu" representa, queiram ou não, o lugar de deuses-deusas da intelectualidade amazônica, justo porque alcançaram o topo do "pedestal", com o propósito, não de vislumbrar subalternos, com "ar de superioridade", mas para se misturar e incentivar os "mortais", que almejam, ávidos de sabedoria, alcançar o mesmo lugar de destaque, para que, ao juntarem-se a eles, poder participar do avanço, e engrandecimento cultural do nosso povo [...] O "mito da imortalidade", isomorfizando nesta Academia de Letras, simboliza "a deusa" abarcando sob sua égide os filhos diletos, que se fizeram escolher, por intermédio de obras literárias, talento, trabalho profícuo e desempenho cultural sustentável, que os levaram, por tais motivos, ao confronto com a morte, mantendo, com ela, uma certa intimidade e com o que subjaz por detrás dela, na chamada eternidade [...] Neste contexto, a inquietação humana diante da morte, única possibilidade conhecida e certa no projeto existencial do homem, faz com que ele arquitecte fórmulas para se tornar imortal; talvez pelo medo de ser esquecido. [...] Assim posto, a produção literária juntada a outros significados ritualísticos, tais como plantar árvores, perpetuar a família por intermédio dos filhos simboliza o homem que, consciente do limite da vida e do tempo, busca na "imortalidade intelectual" a fuga e abrigo para o que é real e inevitável na vida de todo ser-no-mundo finito e falível."

Armando Andrade de Menezes

Trechos da Saudação ao acadêmico Demósthene Ribeiro Carminé, 3.6.2005

"[...]Enganava-se este Silogeu para vos receber, acadêmico Demósthene Ribeiro Carminé. A vossa escolha para integrar este Silogeu resultara da convicção dos membros desta Academia de que vossas produções literárias assentam-se na grandiloquência da forma e estilo de vossa soberba formação cultural. [...] Vosso caminho de vida, iniciado a 3 de junho de 1939, soubestes trilhá-lo sob denodado esforço, já que integrastes:
... uma família de poucos recursos financeiros, porém honesta e caprichosa, cuja mãe, Dona Iracema Ribeiro Carminé, uma guerreira, que não se envergonhava da profissão de costureira; mulher digna que ensinou os filhos a amar a Deus, o próximo e a Pátria, respeitando o 'princípio da dignidade humana', num mundo que oferece, no seu grande espaço, lugar para todos viverem, sem atritos, invejas, ciúmes e, sim, na paz, harmonia e tolerância.
Antes mesmo que alcançasses grau superior, de licenciamento em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Amazonas, em 1967, e Mestrado em Filosofia, em 1979, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, é de dar-se destaque à vossa dedicação a uma das mais aplaudidas profissões: a de ensinar. [...]
Além de crônicas em jornais locais, a vossa grande e esplêndida contribuição às letras são os livros: *Um chão chelo de estrelas - A história do Carrossel da Saudade*, de 1998; *Filosofia e Existência*, de 2003; e *Mito, Inconsciente e Imaginário*, de 2004. [...] Outro motivo rico de vossa existência foi e é o de cantar, que vindes executando, com mestria, desde de jovem, em bares-restaurantes pela noite boêmia de nossa terra, o que nos ensinou a participar e elaborar, ao lado de outros amigos, do projeto de muito aplaudido programa "Carrossel da Saudade", que não somente o dirigistes, como nele também cantastes. [...]
Aqui, neste agosto Silogeu, ides conviver com mulheres e homens de letras, Contistas, ensaístas, historiadores, memorialistas e poetas, com os quais ireis guardar convivência espiritual e amiga, e, do ponto de vista afetivo, principalmente com os formuladores da poesia, já que esta constitui a raiz da canção que emoldura o vosso coração e enobrecer a vossa voz. Estávamos ansiosos por vossa chegada.
A Casa de Péricles Moraes, Senhor Acadêmico Demósthene Carminé, é, agora, vossa, também!"



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918

Boletim Informativo

Ano XC - nº 1 - janeiro 2011 - Edição Especial

Silêncio na Casa

Diretoria da AAL

Presidente
José Braga

Vice-Presidente
Tenório Telles

Secretário-Geral
Almir Diniz

Secretária-Adjunta
Carmen Novoa

Tesoureiro
Arlindo Porto

Tesoureiro-Adjunto

Diretor de Patrimônio
Moacir Andrade

Diretor de Promoções e Eventos
Cláudio Chaves

Diretor de Edições
Marcus Barros

Conselho Fiscal
Lafayette Vieira
Armando Menezes
Francisco Gomes

Suplentes
Antonio Loureiro
Mário Ypiranga Neto

Editora do Boletim
Rosa Brito

Ainda festejávamos o lançamento de seu livro *Terezinha Morango - Cinderela Amazônica*, reeditado para inaugurar a Série André Araújo, com que a Academia encerrara o ano de 2010, e eis que o silêncio se faz em nossa Casa com a partida do autor do precioso ensaio, confrade Demósthene Carminé. Bacharel e mestre em Filosofia, professor, escritor, compositor e intérprete, nele tinham folga inúmeros talentos.



No magistério, pontificou por mais de quarenta anos ensinando e escrevendo sobre temas filosóficos, sempre merecedor do apreço de seus colegas e a admiração de seus alunos; na arte, compunha e cantava, aplaudido pela voz belíssima e originalidade de suas interpretações; na convivência acadêmica, presença cordial e atuante, espírito colaborador; nos livros, um jeito especial de abordar os temas sobre que se debruçava, mesmo os mais complexos, desenvolvidos com simplicidade.
Conheci Demósthene Carminé nos idos de 1964 ao ser ele aprovado em concurso para o Departamento de Administração e Serviço Público do Amazonas, que eu então dirigia. Carminé dedicou-se à função pública com afinco e exemplar conduta, vindo depois a ocupar cargos de relevo em vários setores da administração até chegar ao magistério, que tanto dignificou. Guardo dele a lembrança do profissional probo e inteligente, um ser humano voltado para os valores mais elevados do espírito. Demósthene Ribeiro Carminé ingressou na Academia Amazonense de Letras no dia 3 de junho de 2005 ocupando a Cadeira nº 17, de Francisco de Castro. Sua morte, ocorrida em 6 de janeiro de 2011, deixa um enorme vazio e nos priva de tão amável companhia. A Academia dedica à sua memória esta Edição Especial do Boletim Informativo solidarizando-se com sua família neste momento de separação e dor.

José Braga - Presidente



NOTA DE PESAR

Profundamente consternada, a Academia Amazonense de Letras cobre-se de luto com o falecimento do Acadêmico **Demóstenes Carminé**, membro titular da Cadeira n.º 17, Francisco de Castro. Uma enorme perda para o pensamento e as letras de nossa terra.

À família, os sentimentos de pesar.

Manaus, 06 de Janeiro de 2011

A Diretoria



“ *Jorge Tufic*

Integrado à rotina e à dinâmica da vida acadêmica, Demóstenes Carminé, após ter alcançado os maiores êxitos como escritor, artista, intérprete musical na difícil pauta que vai do popular ao erudito, e vice-versa, calouse agora para este mundo, indo juntar-se às águas tranquilas do rio de Heráclito, e assim, nesse mesmo passeio, ao cântico inaugural de outras manhãs do insondável universo de Deus. A Casa de Adriano Jorge, consternada com a morte de nosso irmão Demóstenes Carminé, ocorrida neste janeiro de 2011, ainda está longe de acenar o desaparecimento físico de seus membros mais dedicados como um fato natural e corriqueiro. Principalmente quando, invencível na sua pertinácia, marcas profundas e recentes da Inludível persistem em cada um de nós, sabemos ou não da existência de um plano maior, segundo a “ensinância cristã” do monge beneditino Antonio Carlos Villaza [...]”

“ *Armando Menezes*

Fomos amigos muito próximo. Professor de Filosofia na Universidade Federal do Amazonas, foi ele quem, na década de setenta do século recém-findo, com ajuda de colegas, fizera funcionar o Cartosel da Saudade. Gostava de cantar e quando o fazia estimava nominar o autor da canção e a data de sua edição. Fiz, a seu convite e com muita satisfação, a orelha do seu livro Terezinha Morango - Cinderela Amazônica.”

“ *Maxe Carpentier*

Demóstenes Carminé foi meu professor na UFAM. Trinta anos depois, reencontramo-nos na Academia. Já então ele era precedido de sua especialíssima fama de filósofo seresteiro, capaz de interpretar tanto Merleau-Ponty quanto Pixinguinha. Sabia assim viver o tempo comum e o tempo afetivo, a reflexão do livro e o trinar da alma: tudo equilibrado entre a fenomenologia e a saudade. Agora ele nos deixa, tendo nos braços seu livro sobre Terezinha Morango, quer dizer, ele morre abraçado à sua musa, em cuja beleza amou a vitalidade e a história de nossa terra. Isso é transcendência.”

“ *Cláudio Claves*

Acadêmico Demóstenes Carminé. Professor, sociólogo, filósofo, escritor e artista, era uma personalidade de destaque dos meus culturais de Manaus. Tive o privilégio de tê-lo como amigo, por mais de meio século, desde a boa vizinhança da família Carminé com os meus parentes na rua Joaquim Sarmento, estendendo-se ao Instituto de Educação do Amazonas e prosseguindo na Universidade Federal do Amazonas e na Academia Amazonense de Letras até o momento de sua partida. Na Casa do Pai, com sua arte, como Orpheu com sua lira, reencontrando antigos companheiros como Max do Violão, Domingos Lima, Estêvão Santos, Beto do Cavaco e Celito Chaves, dentre outros, continuará a fazer, de agora em diante, o Carrossel da Saudade no céu.”

“ *Robério Braga*

Começa o ano e todos pensamos em superar o passado que se encerra com o ano velho. Cheios de esperança e Fé abrimos novos caminhos e renovamos a certeza interior de que tudo se fará conforme nosso desejo, de acordo com as melhores expectativas. Mesmo assim até a “imortalidade” que a vida acadêmica confere aos que adentram os umbrais azuis de seus salões, sem perder o seu valor memorável, entrega-se ao encantamento. Foi o que sucedeu com o ilustrado professor e pesquisador Demóstenes Carminé, entregue agora aos sarau superiores, pouco depois de ver seu último canto impresso em homenagem à beleza de Terezinha Morango. E que belo livro agora em segunda edição com o selo da Academia Amazonense de Letras, em primorosa composição. Abre-se uma lacuna na Academia, que fica empobrecida, mas funda-se um novo pilar de sua história.”

“ *Almir Diniz*

A manifestação mais sensata e correta sobre a prematura partida do Carminé ouvi-a de Sérgio Luiz Pereira, no “Chá do Armando”:

“Ele ficou a me dever um livro sobre a música romântica brasileira. Verdade! De música romântica ele sabia tudo. Compositores, intérpretes, a história das canções, os lançamentos, o ano de cada gravação... Não só sabia. Interpretava, também. E muito bem, com sua voz de veludo. Que saudade dos sarau domésticos, no templo do Anísio Mello, durante o “Chá”! Tudo gravado em nossas memórias. Ele - voz - Nato Neto, Anísio e Rossini - violão. A glória! Bem verdade que nos deixou “Um chão cheio de estrelas”. Mas foi bem pouco para o muito que podia produzir.”

“ *Carmen Novaes*

Demóstenes Carminé despediu-se assim, fugidio, no dia seis. Deste janeiro. Despediu-se de tudo e de todos num dia assim. De Reis. Assim, tão simplesmente, “Dedé” uniu-se aos magos. E em suprema epifania de mestre, ensinou a estrela brilhante no azul. Era chegada sua Hora Alta! De encontrar de vez o Menino. E assim, partiu. Com o tesouro da fé. Num dia de Reis...”

Adeus a Demóstenes Carminé



“ *Rosa Brito*

O meu encontro com Carminé deu-se nos idos de 1964, quando da realização do concurso público para servidores do DASPA, órgão maior da Administração do Estado do Amazonas de então, dirigido pelo José Braga. Um grupo de jovens adentrava o serviço público com euforia e muita disposição para o trabalho. E lá nos encontramos, como costumávamos dizer, na nossa grande escola! Ali todos aprendemos, todos realizamos com dedicação singular as nossas tarefas. Que escola! Mais tarde voltamos a nos encontrar, agora como professores do curso de Filosofia da UFAM. Daí em diante permanecemos juntos na tarefa do ensino da filosofia. Quantas vezes, ao caminhar pelos corredores da UFAM, ouvi sua voz a me chamar: “Rosinha, quero falar contigo”. A convivência e as conversas com o Dedé foram sempre prazerosas. Eis que, outra vez, o destino nos aproxima ainda mais. Agora como confrades na Academia. Tive a alegria de participar da sua eleição para a Cadeira 17. Um justo reconhecimento ao pensador, artista e escritor.”

“ *Euler Ribeiro*

Demóstenes Carminé, o nosso querido Dedé, partiu. Contado, enquanto vivo, transmitia sabedoria com muita lucidez. De alma leve e voz mansa, sabia transmitir com doçura o seu saber. Grande filósofo, o Dedé deixou saudades.”